

## **OS VIAJANTES ESTRANGEIROS E A PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1808-1858**

**Marcelo Werner da Silva**

Universidade Federal Fluminense - Departamento de Geografia de Campos  
marcelows@id.uff.br

Recebido 16 de junho de 2012, Aceito 19 de dezembro de 2012.

**RESUMO:** Este artigo condensa os principais pontos da investigação que resultou na dissertação “A paisagem urbana da cidade de São Paulo na visão de viajantes estrangeiros, 1808-1858” (Autor, 2002). Pesquisa anterior, de especialização, também contribuiu para seu desenvolvimento (Autor, 1995 e 1999). Este estudo, portanto, investiga a utilização de relatos de viajantes estrangeiros no estudo da paisagem urbana da cidade de São Paulo, no período de 1808 a 1858. Foram utilizadas na pesquisa as seguintes obras de viajantes que passaram pela cidade de São Paulo no período analisado: “Viagens ao interior do Brasil” de John Mawe (1764-1829), “Viagem pelo Brasil” de Johann Baptist Von Spix (1781-1826) e C. F. P. Von Martius (1794-1868), “Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá” de Luiz D’Alincourt (1787-1841), “Viagem à província de São Paulo” e “Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822” de Augusto Saint-Hilaire (1779-1853), “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, 1825 a 1829” de Hércules Florence (1804-1879), “Viagem pitoresca através do Brasil” de Alcide Dessalines D’Orbigny (1802-1857), “Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias” de Daniel Parish Kidder (1815-1891) e “Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, 1858” de Robert Avé-Lallemant (1812-1884). Para fundamentar a análise da paisagem urbana através desses relatos, abordamos o histórico da cidade de São Paulo, assim como foi discutido o estudo geográfico da cidade no passado, no qual foram discutidos os conceitos de paisagem e de paisagem urbana, esta entendida como formada pelos

elementos fixos e pelas pessoas e suas atividades que lhe dão vida e movimento. Determinamos então, os elementos da paisagem urbana, com base na obra “Espaço e Método”, de Milton Santos, chegando-se a seis tópicos de análise: localização geográfica, caracterização física, morfologia do tecido urbano, população e estruturas sociais, atividades econômicas urbanas e relações com o entorno. Através desses tópicos foram destacados e analisados os relatos dos viajantes, estabelecendo um panorama da paisagem urbana de São Paulo no período analisado, demonstrando a possibilidade de analisar a cidade no passado através de relatos de viajantes estrangeiros.

**Palavras-Chave:** Viajantes estrangeiros, geografia histórica, Viagens, Paisagem Urbana, Percepção.

**ABSTRACT:** This article condenses the main points of the investigation that resulted in the dissertation “The urban landscape of the city of São Paulo in the view of foreign travelers, 1808-1858” (Silva, 2002). Previous research, of specialization, also contributed to its development (Silva, 1995 and 1999). This study therefore investigates the use of reports of foreign travelers in the study of the urban landscape of the city of São Paulo in the period 1808 to 1858. Were used in the study the following works of travelers who passed through the city of Sao Paulo in the period analyzed: “Viagens ao interior do Brasil” by John Mawe (1764-1829), “Viagem pelo Brasil” by Johann Baptist Von Spix (1781-1826) and C. F. P. Von Martius (1794-1868), “Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá” by Luiz D’Alincourt (1787-1841), “Viagem à província de São Paulo” and “Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822” by Augusto Saint-Hilaire (1779-1853), “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, 1825 a 1829” by Hércules Florence (1804-1879), “Viagem pitoresca através do Brasil” by Alcide Dessalines D’Orbigny (1802-1857), “Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias” by Daniel Parish

Kidder (1815-1891) e “Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, 1858” by Robert Avé-Lallemant (1812-1884). To substantiate the analysis of the urban landscape through these reports, we approach the historic city of São Paulo, as well as discussed the geographical study of the city in the past, in which they discussed the concepts of landscape and urban landscape, this being understood as formed by fixed elements and the people and activities that give life and movement. Determined then the elements of the urban landscape, based on the book “Espaço e Método”, by Milton Santos, adding up to six topics of analysis: geographical location, physical characterization, morphology of the urban fabric, population and social structures, economic activities in urban and relations with the surroundings. Through these topics were highlighted and analyzed the reports of travelers, providing an overview of the urban landscape of Sao Paulo in the period analyzed, demonstrating the possibility of analyzing the city passed through the accounts of foreign travelers.

**Keywords:** Foreign travelers, historical geography, Travel, Urban Landscape, Perception.

## VIAJANTES ESTRANGEIROS NO BRASIL

Viajar sempre fez parte do cotidiano humano. Das comunidades ditas primitivas passando pelas primeiras civilizações agrícolas vemos contingentes humanos em deslocamento. Também é de longa data descrever estas viagens na forma de relatos de viagens. Da Antigüidade clássica temos os périplos dos navegadores gregos, tradição que nos legou as obras de Homero, a Ilíada e a Odisséia. Da Idade Média, temos relatos como o de Marco Polo, baseado nas viagens dos comerciantes venezianos do século XIII rumo ao extremo-orientes.

O Brasil se incorpora no eixo europeu com as grandes navegações, responsáveis pela superação de obstáculos técnicos e a realização de grandes

viagens européias de descobrimento e exploração. Do início da colonização portuguesa no Brasil temos poucos registros de visitantes que deixaram relatos escritos. Esses eram chamados de “cronistas”, pois esta era a designação das pessoas responsáveis pela descrição dos eventos e fatos relacionados aos descobrimentos, sendo sucessores de uma tradição historiográfica medieval (as crônicas medievais) com raízes nos autores clássicos do mundo greco-romano (Capel, 1999).

Dos poucos relatos que restaram desta época, muitos só foram publicadas muito tempo depois. As cartas que José de Anchieta escreve em 1560, só são publicadas em 1799. Também a obra do jesuíta Fernão Cardim (1549-1625), que esteve no Brasil na segunda metade do século XVI, intitulada “Do clima e terra do Brasil e de algumas coisas notáveis que se acham assim na terra como no mar”, só foi publicada em São Paulo em 1939, dentre outros exemplos.

Também vieram expedições de outras nacionalidades. Os franceses ocuparam a baía de Guanabara e fundaram a França Antártica. Dentre os relatos de autores franceses que sobreviveram à passagem do tempo, está a relação de Paulmier de Gonneville (1505) e os livros de André de Thevet (1557) e de Jean de Léry (1578).

Somente no século XVII é formada a primeira expedição científica para estudar deliberadamente a nossa flora e fauna. Ela acontece durante o período de ocupação holandesa do nordeste brasileiro, por determinação de João Maurício de Nassau. Dessa expedição fizeram parte Willelm Piso, Hendrich Cralitz e Georg Marcgrave e seus resultados influenciaram grandes pesquisadores subseqüentes, como Carl Linneu (1707-1778) e Alexander von Humboldt (1769-

1859).

Contemporânea desta expedição, mas com finalidades diferentes, foi a expedição portuguesa de Pedro Teixeira (1637-1640), que partiu de Belém do Pará com cerca de 2000 pessoas e que chegou até Quito, no Perú. No regresso a expedição teve como narrador o jesuíta Cristóvão de Acuña, designado pelo vice-rei do Peru. Acuña publicou *Descubrimiento del Gran Rio de las Amazonas* (Madrid, 1641), em que fala de povos fantásticos, como “gigantes de 16 palmos de altura”, de outros “tão pequenos como criancinhas de peito” e de outros ainda com “pés para trás, de modo que quem os não conhecendo, quisesse seguir as suas pegadas, caminharia sempre na direção contrária a eles”. (Mello-Leitão, 1941, p. 304-305).

No século XVIII com o desenvolvimento comercial, industrial e científico europeu grandes expedições são realizadas, como as três viagens do navegador inglês James Cook (1769; 1772 e 1776) com cuidadosa organização, especialistas de diferentes disciplinas e amplitude de resultados, marcando o final das viagens de descobrimento e o início das viagens de exploração científica.

O Brasil fica de fora deste processo devido à proibição portuguesa de entrada de expedições ou viajantes de outros países. Somente no final do século XVIII Portugal organiza expedições científicas, dentro de uma política de Estado, consciente e preocupada em fomentar a produção de matérias-primas para a industrialização de Portugal. Trata-se efetivamente de um projeto de aproveitamento dos recursos naturais com apoio da ciência. O melhor exemplo é a “Viagem Philosophica” de Alexandre Rodrigues Ferreira, que percorreu as Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá, de 1783 a 1793,

coletando, descrevendo e desenhando espécies dos três reinos naturais - animal, mineral e vegetal, para enviá-las ao Real Museu da Ajuda, em Lisboa.

Com a abertura dos portos, ocorrida após a vinda da corte portuguesa ao Brasil em 1808, cria-se a possibilidade de expedições científicas estrangeiras penetrarem no interior do Brasil, tendo início um novo ciclo de explorações. É dentro deste ciclo de grandes expedições e de inúmeros viajantes individuais que se insere este trabalho. Os nove viajantes utilizados nesta pesquisa nos fornecem um painel sobre as expedições e viajantes do período e suas motivações e interesses.

### **VIAJANTES UTILIZADOS NA PESQUISA**

John Mawe (1764-1829), inglês, comerciante e mineralogista, foi um dos primeiros a visitar o Brasil, ainda antes da abertura dos portos, tendo aqui chegado em fins de 1807. Veio acompanhado por John Luccock com o objetivo de pesquisar pedras e metais preciosos, tendo realizado importantes observações em Geologia e Mineralogia.

Como foi um dos pioneiros a vir ao Brasil, serviu de referência aos viajantes que lhe sucederam, pela riqueza e detalhamento das informações que apresenta em sua obra “Viagens ao interior do Brasil”, publicada em Londres em 1812.

Johann Baptist von Spix e (1781-1826) e C. F. P. von Martius (1794-1868) foram componentes de uma das mais famosas expedições científicas que estiveram em solo brasileiro, a Missão Austríaca, idealizada para acompanhar a jovem imperatriz do Brasil, a arquiduquesa austríaca D. Leopoldina em suas núpcias com o herdeiro do trono português. . Eram da Baviera, região da atual

Alemanha, tendo chegado ao Brasil em 1817 e aqui permanecendo até 1821. Spix era zoólogo e Martius, botânico. Percorreram uma grande extensão de território brasileiro realizando observações sobre a história natural do país. Após o retorno à terra natal empreenderam a redação da “Viagem pelo Brasil”, em três volumes publicados no período de 1823 a 1831, sendo que Spix apenas viu publicado o primeiro, pois faleceu em 1826. Martius seguiu a sistematização do material coletado na viagem, o qual resultou na monumental *Flora Brasiliensis*, que exigiu para seu término 66 anos e o concurso de 65 botânicos. Com 130 fascículos reunidos em 40 volumes, este trabalho foi concluído apenas em 1906, portanto muito depois do falecimento do próprio Martius.

Luiz D’Alincourt (1787-1841), militar e engenheiro, nasceu em Oeiras, Portugal, formando-se praça de artilharia em 1799 na Academia Militar, tendo se graduando posteriormente como Engenheiro. Veio ao Brasil em 1809, passando por São Paulo em 1818, em seu caminho até a cidade de Cuiabá, como oficial do corpo de engenheiros do Exército. Publicou alguns artigos sobre a corografia brasileira e sobre assuntos militares, alguns dos quais na Revista do Instituto Histórico Brasileiro. Faleceu como major de engenheiros, provavelmente no Espírito Santo. Sua obra “Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá” foi publicado como folheto em 1825.

Augusto Saint-Hilaire (1779-1853), francês, naturalista e botânico, foi um dos grandes viajantes a visitar o Brasil, aqui permanecendo por seis anos e responsável por inúmeros relatos sobre o país. Chegou ao Rio de Janeiro em 01/07/1816 na fragata Hermione realizando cinco viagens para pesquisas botânicas: a primeira até a margens do Paraíba do Sul, em 1816; a segunda mais demorada

(dois anos), percorreu o sertão de Minas Gerais, chegando até Jequitinhonha e o Alto São Francisco; a terceira em 1818 de volta de MG, seguiu do Rio de Janeiro rumo ao norte pelo litoral até o Rio Doce; a quarta depois de certa demora do Rio empreendeu sua mais longa exploração, indo até a capital de Goiás, de onde voltou a São Paulo, visitando a seguir o interior do Paraná, o litoral de SC e o RS, regressando do Rio por mar (1819-1821) e a quinta para reparar em parte o prejuízo que teve pelo ataque de parasitas às suas coleções empreendeu essa viagem em 1822, através de zonas por ele já percorridas, visitando Barbacena, São João Del Rei e São Paulo.

Estudou principalmente a flora dos campos e do rico material coligido resultaram suas três obras de botânica: *Plantas usuais dos brasileiros*, *História das plantas mais notáveis do Brasil e do Paraguai* e *Flora do Brasil Meridional*.

Realizou importantes anotações sobre o modo de vida brasileiro, informações essas até hoje importantes e utilizadas para o conhecimento cotidiano de vida do Brasil no século XIX.

Sobre esse autor é importante destacar que apesar de ter passado em São Paulo entre os anos de 1819 e 1822, publicou seu relato “Viagem à província de São Paulo” apenas em 1851. Este o motivo de utilizar citações de Kidder, que passou em São Paulo em 1839. O relato sobre sua segunda viagem a São Paulo, “Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo, 1822”, foi publicado postumamente, em 1887.

Hércules Florence (1804-1879) era pintor e desenhista. Nascido em Nice,

na França, chegou ao Brasil em 1824, com a profissão de pintor. Teve que empregar-se em outras atividades para obter seu sustento durante quase um ano. Atendendo a um anúncio do Barão de Langsdorff, foi contratado como 2º desenhista para integrar a expedição Landgsdorff, grande e ambiciosa expedição pelo Brasil.

Esteve por quatro dias em São Paulo, em 1825, em seu caminho rumo a Porto Feliz, onde devia encontrar-se com os demais membros da expedição. Após participar da fracassada expedição Langsdorff, radicou-se em Campinas, onde constituiu família e realizou pesquisas com processos fotográficos, que o tornaram um dos precursores dessa técnica. Sua obra “Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, 1825 a 1829” foi publicada originalmente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em 1875.

Alcide Dessalines D’Orbigny (1802-1857), era naturalista especializado em geologia e paleontologia. Esteve no Brasil comissionado pelo Museu de História Natural de Paris, em viagem que tinha como objetivo estudar o continente americano em geral e especialmente o aborígine sul-americano, que retratou em “O Homem Americano” (1840). É considerado um dos fundadores da paleontologia estratigráfica. Partiu da França em 1826. Visitou também Montevidéu, Buenos Aires, a região das Missões o Paraguai e praticamente toda a região dos Andes, tendo permanecido por quatro anos em território boliviano. No total esteve durante oito anos em viagem pela América do Sul. Publicou “Viagem pitoresca através do Brasil” em 1836.

Daniel Parish Kidder (1815-1891) era norte-americano e o único norte-americano entre os viajantes analisados. Foi um precursor de muitos

pesquisadores daquele país que na segunda metade do século XIX empreenderam viagens de pesquisa científica como forma de refletir a ascensão econômica dos E. U. A. Era pastor metodista e naturalista e veio ao Brasil como missionário da *American Bible Society*, tendo embarcado em 1837. Chegou acompanhado pela esposa, Cynthia H. Russel, com a finalidade de “distribuir bíblias a todas as pessoas que as quisessem aceitar” (Morais, 1980, p. 15). Passou por São Paulo em 1839 e retornou aos Estados Unidos em 1840, ao falecer sua mulher. Nos EUA foi nomeado pastor e desempenhou importantes funções dentro da estrutura de ensino da Igreja Metodista.

Descreveu as instituições paulistas, sobretudo as religiosas e manteve entrevistas com as personalidades da época. Procurou esboçar um panorama da vida brasileira. Publicou seu livro em 1845 em dois volumes: o primeiro sobre Rio de Janeiro e São Paulo, “Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias” e o segundo sobre as províncias do norte do país. Também publicou em conjunto com o pastor Fletcher a obra “Brazil and the Brazilians”, obra de divulgação sobre o Brasil para o público norte-americano.

Robert Avé-Lallemant (1812-1884) era médico e naturalista (botânico). Residiu no Brasil de 1837 a 1854, retornando à Alemanha, de onde era originário. Regressou ao Brasil em 1855 e empreendeu duas grandes viagens, uma para o sul e outra para o Norte. Teve curta passagem por São Paulo (5 dias) no ano de 1858. Na obra “Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, 1858” sua principal preocupação é abordar a situação das colônias alemãs no

Brasil e denunciar os desmandos a que eram submetidas, criticando também a colonização portuguesa como responsável pelas mazelas brasileiras.

### **BREVE HISTÓRICO DA CIDADE DE SÃO PAULO**

As vilas e cidades no Brasil colonial funcionavam como pontos de controle do território e participantes do sistema social da colônia, responsáveis pela manutenção da dominação portuguesa nos territórios. O arcabouço político, jurídico e institucional implantado no Brasil pela Metrópole lusitana transplantou para o Brasil as praxes metropolitanas de controle territorial, sobretudo um sistema municipalista de base urbana e de raízes romanas, cujas manifestações materiais foram o *arraial* (ou *povoado*), a *vila* e a *cidade*. Destes, apenas o arraial tinha origem espontânea, pois era resultante do agrupamento de famílias em algumas residências - chamadas *fogos*<sup>1</sup> - que apresentavam certa contigüidade e unidade formal (Abreu, 1997, p. 213).

Em território paulista, após a fundação da vila de São Vicente em 1532 no litoral paulista, os portugueses tomam conhecimento de uma das mais antigas vias de acesso ao planalto e que pôde ser utilizada pelos portugueses devido à colaboração de chefes indígenas, graças ao prestígio de João Ramalho (Azevedo, 1994, p. 32). Esse personagem pouco conhecido já havia fundado uma aglomeração chamada de *Santo André da Borda do Campo* no alto da serra. Aproveitando o bom relacionamento de João Ramalho com os indígenas, sobretudo com o célebre Tibiriçá, os jesuítas vindos de São Vicente, liderados

<sup>1</sup> Fogo: conjunto de pessoas vivendo em um mesmo lar (o fogo constituía, antes de 1789, a unidade de base para a repartição do imposto) (Grande Enciclopédia Larousse Cultural).

pelo Padre Manuel da Nóbrega, estabeleceram uma escola e um centro de evangelização no alto da colina localizada na confluência dos rios Anhangabaú e Tamanduateí. Já em 1560 a nova povoação era elevada à categoria de vila, denominada São Paulo de Piratininga.

São Paulo dependia do intercâmbio com o litoral. A este fornecia alguns excedentes de algodão, mantimentos, gado e couros. Recebia em troca vinho, armas, utensílios, pólvora e sal, trazidos da metrópole. Como a moeda era escassa, a maioria das transações era feita por escambo (Andrada e Silva, 1958, p. 19).

Logo passou a ter maior importância a escravização indígena, apesar da oposição dos padres jesuítas. Escravos negros apareceram pela primeira vez em São Paulo em fins do século XVI, mas seu alto custo restringia a importação. Baseado em inventários coloniais foi calculada a proporção entre trabalhadores negros e índios como 1:34, para toda a era bandeirante (Morse, 1970, p. 32).

Configura-se já no final do século XVI a contraposição entre a vila de São Paulo de Piratininga e as demais vilas e cidades brasileiras que se concentram exclusivamente no litoral. Os motivos para isto eram vários, por exemplo, a necessidade de contato com Portugal, a barreira representada pelas escarpas do planalto brasileiro, o temor dos indígenas, etc. Para Holanda (1972, tomo 1, vol. 1, p. 130), a colonização litorânea vai ser o padrão clássico da atividade colonizadora portuguesa, regida pela conveniência mercantil e por sua experiência africana e asiática.

Novais (1997, p. 24-25) vê na colonização paulista um paradoxo. A sociedade gerada pela economia açucareira do litoral, mais estável, permanente, enraizada,

<sup>1</sup> Plano de Ação Imediata de Trânsito e Transporte.

está voltada para fora, para uma economia de exportação. Já no pólo oposto, na periferia do sistema, uma paisagem social como a de São Paulo, com um povoamento rarefeito, uma sociedade em movimento e economia de subsistência, volta-se para dentro, dando origem a uma formação social instável, móvel, sem implantação.

Desse modo, “...nem as condições geográficas, nem as circunstâncias históricas concorreram para o crescimento da cidade de São Paulo, nas três centúrias iniciais de sua existência. Por isso mesmo, na primeira metade do século XIX, a capital paulista pouco diferia da vila e cidade dos tempos coloniais” (Matos, 1958, p. 49). Porém sua importância não pode ser auferida apenas pelo número de habitantes. Em 1822, a cidade de São Paulo teria cerca de sete mil habitantes. Em 1867 teria pouco mais de 19 mil (Reis Filho, 2000, p. 98). Apesar deste número reduzido, São Paulo mantinha sua importância como centro de ligação entre litoral e interior e foi essa importância estratégica que propiciou seu grande desenvolvimento posterior.

### **O ESTUDO GEOGRÁFICO DA CIDADE DO PASSADO**

Para estudar uma cidade no passado há que considerar não somente o tempo, mas também a dimensão espacial daquela cidade. Nas palavras de Abreu (1996, p. 12),

*...a história de uma determinada cidade não dispensa (...) a análise da dimensão única, idiográfica, daquele lugar. (...) Se abandonarmos essa dimensão poderemos até recuperar o urbano, mas não a cidade e, muito menos, a história (e a me-*

*mória) da cidade que queremos estudar. O inverso também é verdadeiro. Se ficarmos atentos apenas às singularidades do lugar nunca conseguiremos contextualizá-lo frente a outros lugares, e nos perderemos então, não no abismo do tempo, mas nas rugosidades do espaço. Para tratar da memória de um lugar há que se trabalhar então na recuperação simultânea da história no e do lugar”.*

Este mesmo autor discorrer sobre a maneira de como fazê-lo, utilizando conceitos e variáveis atuais, porém com o devido cuidado metodológico:

*As análises complexas e abrangentes que a disciplina vem fazendo para compreender o momento atual da globalização podem também ser feitas para os tempos passados, bastando para isso que façamos as necessárias correções metodológicas. Se conceitos e variáveis são historicamente datados, não podendo ser trasladados impunemente através do túnel do tempo, as categorias de análise, que eles operacionalizam e desagregam, não o são. E são elas que orientam, em última instância, a análise geográfica (Abreu, 1996, p.14).*

Um conceito que pode ser utilizado no estudo da cidade do passado é o de paisagem. Esse conceito não tem o mesmo significado hoje do que tinha na primeira metade do século XIX, utilizado que era pela geografia da época e pelos viajantes. Mas se realizarmos o detalhamento de nosso entendimento desse conceito, podemos determinar categorias de análise aplicáveis ao nosso trabalho.

Dessa maneira, sem termos a pretensão de recuperar o passado tal como ele aconteceu, objetivo impossível de alcançar, conseguiremos adquirir as ferramentas necessárias para que possamos analisar os processos e normas sociais então atuantes. Dessa forma, poderemos detectar as contradições então presentes, contextualizando as formas morfológicas, então produzidas pela sociedade e a relação que elas tiveram com as normas e com os processos sociais que lhes deram origem. Trabalho geográfico nada diferente dos produzidos para entender o momento presente, só que dirigido ao entendimento do passado de um lugar.

### **A PAISAGEM URBANA**

O conceito de paisagem vem sendo revalorizado dentro da geografia, após já ter sido considerado como objeto central e depois relegado a uma posição marginal. Essa revalorização se deu no contexto da revisão de questões que fundamentaram a modernidade, não somente dentro da geografia, como na mídia e no senso comum dos cidadãos que se preocupam com seu bem-estar, “...desvelando significados complexos que antes estavam restritos às conversas dos especialistas e agora passaram para o âmbito do varejo das redes mundiais de comunicação, onde os gostos, senão as atitudes culturais, se reciclam rapidamente” (Holzer, 1999, p. 149-150).

Porém o conceito clássico de paisagem não dava conta dos fatores intervenientes em dada paisagem, tomando-a como algo fixo e estático. É preciso avançar na discussão desse conceito e o faremos no âmbito de uma paisagem específica que nos interessa neste estudo: a paisagem urbana.

Para Santos (1985, p. 50), a paisagem é formada pelos fatos do passado e do presente e que a compreensão da organização espacial, bem como de sua evolução, só se torna possível mediante a acurada interpretação do processo dialético entre formas, estrutura e funções através do tempo. Forma seria o aspecto visível de uma coisa, referindo-se, ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Seria por exemplo uma construção, uma rua ou o conjunto todo da cidade, à sua morfologia. Já a função designaria a função desse objeto, mas que também poderia referir-se a pessoas ou instituições. Todo este conjunto espacial que é a cidade pressupõe uma estrutura, que corresponderia à inter-relação de todas as partes deste todo; o modo de organização ou construção. Por último o processo pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança (Santos, 1985, p. 50-51).

O espaço impõe sua própria realidade, sendo que a sociedade não pode operar fora dele. Conseqüentemente, para estudar a paisagem, cumpre apreender sua relação com a sociedade, pois é esta que dita a compreensão dos efeitos dos processos (tempo e mudança) e especifica as noções de forma, função e estrutura, que o autor propõe como categorias de análise do método geográfico.

Ao falarmos de paisagem estamos nos referindo à uma fração do espaço total. Este espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da sociedade que lhe dá vida. Nessa concepção devemos entender o espaço como uma instância da sociedade assim com a instância econômica e a cultural-ideológica. Deste modo, contém as demais instâncias e por elas é contido. A economia está no espaço, assim como o espaço está na economia. Ocorre o

mesmo com o político-institucional e o cultural-ideológico. Portanto a essência do espaço é social. Na prática, através da análise, ocorre a possibilidade de dividi-lo em partes, sendo que esta (a análise) é uma forma de fragmentação do todo que permite, ao seu término, a reconstituição desse todo. A estas partes Santos chama de “elementos do espaço”. Sendo espaciais (por disporem de extensão), eles também são dotados de uma estrutura interna pela qual participam da vida do todo de que são parte e que lhes atribui um comportamento diferente (para cada qual), como reação ao próprio jogo das forças que o atinge (Santos, 1985, p. 1-6).

Ao observarmos a paisagem urbana vemos que ela é formada por dois elementos fundamentais: o “espaço construído”, imobilizado nas construções tais como edificações, ruas, praças e estradas; e o “movimento da vida”, das pessoas que aí residem e dão vida à cidade (Carlos, 1994, p. 50). Sabemos que esta consideração não é consensual, porém é a mais coerente com os objetivos deste trabalho.

Em relação ao espaço construído, podemos notar através de sua análise tipos de utilização diferenciados e diferenças entre estas utilizações. Isso se dá porque a cidade, hoje ou no início do século XIX, é uma concentração de pessoas exercendo uma série de atividades diferenciadas, em função da divisão social do trabalho. Por ser fruto do trabalho humano, forma histórica concreta do processo de trabalho, tal espaço aparece na literatura geográfica como paisagem humana, contrapondo-se ao “não-construído”, ou “natural”, ou “primeira-natureza”.

Quanto ao movimento da vida refere-se tanto ao deslocamento de homens e

mercadorias, quanto às marcas que representam momentos históricos diferentes produzidas na articulação entre o novo e o velho, por exemplo, quando temos um prédio como o antigo colégio dos jesuítas sendo utilizado como palácio governamental.

### **VIAJANTES ESTRANGEIROS E A PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE SÃO PAULO, 1808-1858**

Antes da análise dos relatos escolhidos, empreendemos a realização de uma antologia de textos denominada “Viajantes em São Paulo, 1808-1858”, na qual incluímos todo o relato de cada viajante sobre a cidade de São Paulo, destacando-se os assuntos abordados por cada um deles, na seqüência em que aparecem no texto. Essa antologia deu origem ao anexo 2 do trabalho original (ver Silva, 2002, p. 210), no qual se encontram listados os assuntos abordados pelos viajantes e na ordem em que aparecem nos seus textos<sup>2</sup>.

Conforme D’Agostino et. al (1981), no estudo dos relatos de viajantes estrangeiros no estudo da cidade podemos adotar dois critérios de sistematização. Um deles seria efetuar o sincronismo entre os diversos períodos, abordando vários aspectos de cada período, por exemplo, uma década representando um

<sup>2</sup> Como exemplo destacamos aqui as referências de Hércules Florence: 1. Tropas que realizam a ligação Santos-São Paulo, produtos transportados; 2. Ponto de parada das tropas (Cubatão) e o batuque dos camaradas; 3. Saída de Santos em direção à São Paulo, subida da Serra; 4. Vista do alto da serra em passagem posterior; 5. Chegada a São Paulo; 6. População, ruas, arquitetura: palácio da Presidência, cadeia; 7. Administração: presidente, ouvidor, juiz de fora, guarnição militar; 8. Sede de bispado; 9. Características dos habitantes de São Paulo; 10. Alimentação; 11. Hospedagem, hospitalidade do povo do interior; 12. Estrangeiros que conheceu em São Paulo, inclinação dos brasileiros para os prazeres, “facilidade de costumes” das mulheres; 13. Saída rumo a Jundiá.

universo particular de análise. Já o outro critério seria apresentar os enfoques de forma diacrônica, ou seja, selecionar os critérios de análise e apresentá-los para todo o período escolhido. Adotamos em nosso trabalho esse último critério. Justificamos essa escolha devido a alguns fatores. São Paulo no período analisado, não modifica-se substancialmente a ponto de justificar a determinação de períodos intermediários. Também o número de viajantes não propiciaria cobertura a todo o período. Acreditamos que a consideração do período como uma totalidade e a apresentação dos relatos na ordem de passagem pela cidade, pode fornecer um melhor panorama da cidade, do que se estabelecêssemos periodizações para o período analisado.

### LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

Um primeiro aspecto abordado pelos viajantes é o da “situação”, do local em que se encontra fundada a cidade, de sua localização geográfica. Denominamos esse tópico de “Localização geográfica”. Qualquer que seja a abordagem geográfica adotada, é sempre relevante precisar a localização do objeto analisado.

Tal aspecto não passou despercebido à maioria dos viajantes estudados, dos quais apenas Florence e Avé-Lallemant não fizeram referência a esse tópico, indo diretamente a outras características.

Dos autores que se referiram à “situação” da cidade de São Paulo geralmente o fato ressaltado é estar a cidade em uma elevação e circundada pelos rios afluentes do Tietê, como descrito por Mawe :

*São Paulo, situada num agradável planalto, com cerca de duas milhas de extensão, é banhada, na base, por dois riachos*

*(Anhangabaú e Tamanduateí), que na estação das chuvas quase a transformam em ilha; ligando-se ao planalto por um caminho estreito. Os riachos desembocam em largo e belo rio, o Tietê, que atravessa a cidade, numa milha de extensão, tomando a direção sudoeste (p. 63).*

### **CARACTERIZAÇÃO FÍSICA**

Após o sítio destacamos a “caracterização física”, aí incluindo as análises de tipos de solos, clima, vegetação, etc., pois quase todos eram naturalistas e valorizavam esses aspectos, e tal caracterização era utilizada nos compêndios geográficos de então. Destaque-se aqui que na maioria dos casos é difícil separar a descrição do relevo da própria descrição da “situação” ou localização geográfica da cidade.

O clima de São Paulo também foi bastante focado por Spix e Martius, que o consideraram “..dos mais amenos da terra” (p. 145). Isso

*...tanto pela sua posição, quase abaixo do Trópico de Capricórnio, que passa apenas a légua e meia ao norte, como por sua altitude de 1.200 pés acima do nível do mar, perto de Santos, é favorecida a cidade com todos os encantos da zona tropical, sem os inconvenientes do calor em grau elevado. Durante nossa estada o termômetro variou entre 15° e 18° R. e o higrômetro entre 67° e 70° (p. 145).*

Já John Mawe, mineralogista e comerciante de pedras, realiza descrição detalhada dos solos da cidade:

*Nos meus passeios pela cidade tive múltiplas ocasiões de examinar a estranha sucessão de stratus horizontais, que forma a eminência, sobre a qual ela se eleva. Dispõem-se na seguinte ordem: a primeira, de terra vermelha, vegetal, de profundidade variável, impregnada de óxido de ferro; em seguida, areia e substâncias adventícias, de várias cores, tais como vermelho-ocre, marrom, amarelo fosco, juntamente com blocos redondos de cristal de rocha, o que indica ser de formação recente; sua espessura varia de três a seis pés, ou talvez sete, e a parte inferior é toda amarela, sob esta há um leito de argila, extraordinariamente boa, de cores diversas, mas na maior parte vermelha; a branca e a amarela são as mais puras em qualidade; está entremeada de delgadas camadas de areia, em direções variadas. Seguem-se um stratum de terra de aluvião, que é muito ferruginosa, depositada sobre uma substância semi-decomposta, aparentemente resultante do granito, em que a proporção de feldspato excede a de quartzo e a de mica (Provavelmente a substância corante origina-se da decomposição da mica; observei, várias vezes, uma massa de granito tendo a superfície decomposta em argila vermelha, onde quase não se percebiam as partículas de mica, enquanto a rocha compacta, abaixo, continha uma quantidade mínima daquela substância) O todo repousa sobre granito compacto. Os lados do monte são escarpados e, em alguns lugares, quase perpendiculares (Numa parte da cidade encontram-se belas*

*espécies de granito decomposto, formado de feldspato extremamente branco, quartzo e muito pouca mica) (p. 65-66).*

Ab'Saber (1957, p. 30), analisou as descrições dos primeiros viajantes no estudo da Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo. Sobre esta citação de Mawe comenta que “...está claro que a descrição geológica de Mawe, feita nos primeiros anos do século XIX, apesar de precisa, era bem incompleta”.

Mawe (p. 63) também é autor da célebre citação de que a pavimentação da cidade é de uma formação de aluvião que contém ouro e que após fortes chuvas este se deposita em fendas e buracos, sendo então procurado pelos pobres, fato depois comentado por outros viajantes.

## **MORFOLOGIA DO TECIDO URBANO**

A seguir geralmente os viajantes iniciavam a descrição da cidade, de suas ruas, praças e edifícios mais importantes. Às observações referentes a esse tópico denominamos “Morfologia do tecido urbano”, por tratarem mais diretamente da forma externa da cidade, de seu “espaço construído”.

Quanto à descrição da morfologia do tecido urbano, destaque-se que os viajantes se dividem entre os que realizam descrições da paisagem urbana (caso de Saint-Hilaire, Kidder e em menor escala, Spix e Martius e Mawe) e aqueles que apresentam apenas um inventário da paisagem, caso de Florence e Alincourt, misturando vários elementos sem fornecer uma descrição pormenorizada. As descrições mais pormenorizadas podem ser agrupadas como ‘visão geral da cidade’, “ruas”, “edificações e forma de construção” e “outros equipamentos urbanos: pontes, estradas, praças e jardins”.

Como exemplo destacamos que para Spix e Martius, as ruas de São Paulo eram muito largas, claras e asseadas. D'Alincourt também as considerou “calçadas, espaçosas e boas” (p. 35). Já para Kidder “...suas ruas são acanhadas e construídas sem um traçado geral. Os passeios são estreitos e a pavimentação é feita com uma rocha ferruginosa que muito se assemelha à pedra arenosa vermelha, velha, diferindo porém, a que se usa em S. Paulo, em que contém mais fragmentos de quartzo” (p. 206).

### **POPULAÇÃO E ESTRUTURAS SOCIAIS**

Com relação ao “urbano”, ao movimento da vida da paisagem urbana, estão aquelas observações referentes a população, seu modo de vida, hábitos e costumes, que sempre têm destaque nos relatos dos viajantes, muitos preocupados com a questão do pitoresco. Aqui se inclui o estudo da população, de suas formas de interação entre classes sociais, responsáveis pelo “movimento da vida” da cidade naquele período. Aqui gostaríamos de ressaltar que muitas descrições dos viajantes se apresentam estáticas, não captando o burburinho e movimento das ruas e ladeiras da cidade. A exceção é o relato de Saint-Hilaire, muito rico no aspecto antropológico e da estruturação da sociedade.

Aqui chamamos de estruturas sociais a forma como se estrutura a sociedade, ou seja, não apenas a demografia da população urbana como também o que se relaciona com a estrutura econômica da sociedade, a existência de classes sociais e, portanto, de diferenciações dentro da sociedade. Acreditamos ser tal análise válida para uma sociedade escravista, em que a desigualdade social se refletirá na diferenciação da ocupação de espaços, e no usufruto ou não dos benefícios

da sociedade da época.

Incluem-se neste ponto todas aquelas observações relacionadas a comportamentos sociais, estrutura administrativa e as relações entre classes, entre senhores e escravos, entre Igreja e Estado, bem como os sistemas educacionais e de saúde. Portanto muitas das “funções urbanas” aqui aparecem, excluídas as atividades econômicas propriamente ditas, reunidas no tópico “Atividades econômicas urbanas”. Logo estrutura social é tudo que se relaciona ao funcionamento de determinada sociedade, que se configura espacialmente na paisagem através da diversidade de formas de utilização dos espaços.

A diversidade de assuntos pode-se contatar nesta citação de Saint-Hilaire que descreve hábitos de classes abastadas e como se processa a repartição de heranças, particularmente de escravos negros:

*Há em São Paulo algumas casas verdadeiramente ricas; mas, em geral, as fortunas não são muito consideráveis. Os proprietários de engenhos de açúcar vivem, muito freqüentemente, em situação assaz precária. O dono de um estabelecimento dessa espécie deixa, ao morrer, certo número de escravos negros, que são partilhados entre seus filhos; cada um destes tem como ponto de honra tornar-se senhor de engenho como o pai, para o que adquire escravos a crédito. Pode ter, é certo, lucros para pagar esses escravos ao fim de certo tempo; mas, nesse intervalo, perde alguns, seja em consequência de moléstias seja por falta de cuidados e por maus tratos; substitui os que perde, comprando outros ainda a crédito, pelo que passa*

*a vida sempre devendo (p. 180).*

Na impossibilidade de abordar aqui todos os assuntos, relacionamos os temas abordados dentro deste tópico: a população urbana de São Paulo; características dos paulistas; comportamento das mulheres; prostituição; hospitalidade do povo do interior, comparada ao das cidades litorâneas; ofícios e atividades exercidas; vida social; festividades: carnaval; espetáculos dramáticos; touradas; batuque; estrangeiros na cidade; estrutura administrativa; sistema penas; forças militares; relação Igreja-Estado; a Igreja e sua influência na sociedade; educação; e saúde.

### **ATIVIDADES ECONÔMICAS URBANAS**

Uma das funções mais características da cidade é o comércio e a existência de serviços não encontrados em outros locais. A essas atividades denominamos “Atividades econômicas urbanas”, para diferenciarmos da atividade agropecuária, realizada preferencialmente nos arredores da cidade. Nesse recorte estão incluídos os serviços e profissionais liberais existentes e oferecidos na cidade, bem como as poucas atividades manufatureiras.

Para exemplificar destacamos a citação de John Mawe sobre os serviços e profissionais liberais disponíveis na cidade:

*Existem poucos médicos, mas muitos boticários, alguns ourives, cujos artigos não se distinguem quer pelo metal, quer pela mão de obra, alfaiates e sapateiros, e também marceneiros, que fabricam belas peças de madeira, mas seus preços não são moderados como os daquela outras classes de comerciantes. Nos arredores da cidade, vive certo número de índios crioulos,*

*que fabricam louça de barro para cozinha, grandes jarros para água e uma variedade de outros utensílios, ornamentados com algum gosto (p. 64).*

Saint-Hilaire conta interessante episódio que bem descreve as condições da obtenção de serviços na cidade. Inicialmente comenta que “quando chegara a São Paulo estava precisando de tudo; mas não me foi difícil adquirir o que necessitava, nas lojas da cidade, em geral bem providas. Mas não era tudo - as dezoito malas, com as quais viajara na província de Goiaz, estavam completamente cheias, sendo-me necessário obter outras” (p. 197-198).

Inicia-se então uma verdadeira “novela” para a obtenção das mesmas, o que ilustra bem os hábitos daquele período, quanto à vida em geral e ao comércio e serviços em particular. O episódio em que paga adiantado e o artesão não lhe fornece os produtos desejados só se resolve com a intervenção de autoridades governamentais. Também serve para o autor demonstrar o preconceito que alimenta quanto aos descendentes dos indígenas:

*De acordo com a opinião geral, constatada, aliás, por mim, penso que em nenhum país os artífices sejam tão preguiçosos e tão pouco exatos no cumprimento de seus tratos e no desempenho dos mesmos com honestidade, como em São Paulo. Não tinham eles, contudo, para desculpa, um esforço excessivo, mas, suas necessidades, como já assinalei, eram de pouca monta, pelo que poderiam satisfaze-las muito facilmente, uma vez que os víveres e os aluguéis eram muito módicos. Descendentes, em sua maior parte, dos mamalucos, tinham*

*ademais, conservado toda a imprevidência da raça indígena, e os recém-vindos adotavam, para logo, os seus costumes. Quando um trabalhador ganhava algumas patacas (\$320 - 2 frs.), repousava até que essa importância fosse consumida.*

### **RELAÇÕES COM O ENTORNO**

Ao próximo tópico denominamos “Relações com o entorno”, pois a cidade não se restringe ao seu núcleo urbano, pois “a todos quantos vivessem a qualquer distância mas se reconhecessem nela pertencia a cidade” (Seabra, 1999, p. 25). Aqui foram incluídas aquelas citações referentes ao entorno de São Paulo, principalmente das propriedades rurais, então intrinsecamente ligadas à vida da cidade.

Neste ponto surgem comentários acerca da caracterização das propriedades, sobre a produção agropecuária, sobre o sistema agrário do período, sobre a produtividade da lavoura, sobre as Minas de Jaraguá, então já desativadas e sobre o vilarejo de N. S. da Penha

Para finalizar este tópico gostaríamos de destacar a descrição realizada por Saint-Hilaire do vilarejo de Nossa Senhora da Penha, representativo das povoações existentes no entorno da cidade de São Paulo:

*Aproveitei-me de minha permanência em São Paulo para herborizar no vilarejo de Nossa Senhora da Penha, situado a duas léguas da cidade, sobre uma colina que termina, a leste, a vasta planície a que já me referi. Vista de longe, sua igreja parece cercada de árvores frondosas, limitando o horizonte*

*pitorescamente. Para chegar ao referido vilarejo, segue-se a estrada do Rio de Janeiro, estrada que atravessa a planície e começa, do lado de São Paulo, com uma bela pavimentação de cerca de quatrocentos passos de extensão, através do brejo marginal do Tamandaty. (...)*

O vilarejo de *N. Senhora da Penha*, ou *Penha* simplesmente (...), onde dentro em pouco cheguei, forma uma paróquia que faz parte do distrito de S. Paulo. Do alto da colina que domina esse vilarejo, abaixo da qual corre o Tietê, descortina-se deliciosa vista - toda a planície, as montanhas que a cercam, a cidade de São Paulo com seu palácio e seus campanários. O referido vilarejo, propriamente dito, compõe-se de um pequeno número de casas; mas, muitas habitações, mais ou menos importantes, e casas de campo (*fazendas, sítios e chácaras*) dele dependem. A igreja, construída ao centro do vilarejo é muito vasta, e, quando avistada da cidade, parece cercada por espessa mata; mas é isso um efeito da perspectiva que aproxima as matas vizinhas, e da distância, que impede de se perceber as casas. Fiz uma visita ao vigário da Penha, o qual, embora não me conhecesse, recebeu-me muito cordialmente, dando-me várias informações que muito me interessaram. A sua casa era grande, bem mobiliada, e, contudo, os párocos de São Paulo eram, como já tive ocasião de assinalar, muito menos ricos do que os de Minas Gerais (p. 201).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho procura refletir sobre as possibilidades da utilização de relatos de viajantes estrangeiros na pesquisa geográfica. Procurou-se destacar a opinião

dos viajantes sobre a sobre cada aspecto que caracteriza a cidade, particularmente a cidade de São Paulo no início do século XIX. Para tanto os relatos foram utilizados na perspectiva utilizada por cada autor. Desta maneira os relatos sobre a cidade de São Paulo Foram apresentarmos como um “corpo” único, onde as contradições e opiniões divergentes tivessem espaço e efetivamente aflorassem.

A análise realizada e a metodologia empregada visaram montar um painel ou panorama da cidade de São Paulo durante a primeira metade do século XIX, mostrando a possibilidade de recuperar o que Abreu (2000, p. 18), chama de “presente de então”.

### **OBRAS ANALISADAS**

AVÉ-LALLEMANT, Robert. (1980). *Viagens pelas províncias de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, 1858*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, .

D'ALINCOURT, Luiz. (1953). *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*. São Paulo: Livraria Martins.

FLORENCE, Hércules. (1977). *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas, 1825 a 1829*. São Paulo: Editora Cultrix/Edusp.

KIDDER, Daniel Parish. (1980). *Reminiscências de viagens e permanência nas Províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e Província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

MAWE, John. *Viagens ao interior do Brasil*. (1978). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp.

ORBIGNY, Alcide Dessalines D'. (1976). *Viagem pitoresca através do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

- SAINT-HILAIRE, Auguste de. (1976). *Viagem à província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. (1974). *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e São Paulo, 1822*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp,
- SPIX, J. B von; MARTIUS, C. F. P. von. (1981). *Viagem pelo Brasil, 1817-1820*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, M. A. de. (1996). *Sobre a memória das cidades*. Conferência apresentada no Colóquio O discurso geográfico na aurora do século XXI, Programa de pós-graduação em Geografia, UFSC, Florianópolis, 27-29 nov. 1996.
- ABREU, M. A. de. (1997). A apropriação do território no Brasil colonial. In: CASTRO, I. E. de. et al. (orgs.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- ABREU, M. A. de. (2000). Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. *Geosp*, 7, Universidade de São Paulo.
- AB'SABER, A. N. (1957). Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo. *Boletim de Geografia*, v. 12 n. 219, Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.
- ANDRADA E SILVA, R. (1958). São Paulo nos tempos coloniais. In: AZEVEDO, A. de. (org.). *A cidade de São Paulo: estudos de geografia urbana*. V. II. São Paulo: AGB NACIONAL, p. 49-100.
- AZEVEDO, Aroldo de. (1992). Vilas e Cidades do Brasil Colonial: ensaio de geografia urbana retrospectiva. *Terra Livre*, n. 10, p. 23-78.
- CAPEL, Horácio. (1999). A América no nascimento da geografia moderna: das crônicas medievais às crônicas sobre as Índias, passando por Plínio e pelo descobrimento

- das novas terras. In: CAPEL, H. *O nascimento da ciência moderna e a América: o papel das comunidades científicas, dos profissionais e dos técnicos no estudo do território*. Maringá: EDUEM.
- D'AGOSTINO, G. de et al. (1981). *Imagem de Buenos Aires a través de los viajeros 1870-1910*. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires.
- GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. (1998). São Paulo: Nova Cultural Ltda, 24 v.
- HOLANDA, S. B. de. (org.). (1972). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, tomo 1, vol. 1.
- HOLZER, W. (1998). *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- MATOS, O. N. de. (1958). A cidade de São Paulo no século XIX In: AZEVEDO, A. de. (org.). *A cidade de São Paulo. Estudos de geografia urbana*. V. II. São Paulo: AGB NACIONAL.
- MELLO-LEITÃO, C. (1941). *História das Expedições Científicas no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- MORAIS, R. B. (1980). Notícia biográfica. In: KIDDER, D. P. *Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil (Rio de Janeiro e Província de São Paulo)*. São Paulo: Itaipia, Edusp.
- MORSE, R. M. (1970). *Formação histórica de São Paulo (de comunidade à metrópole)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- NOVAIS, F. (1997). Cotidiano e vida privada na América portuguesa. In: Mello e Souza, Laura (org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras.

- REIS FILHO, N. G. (2000). Urbanização e modernidade: entre o passado e o futuro (1808-1945). In: MOTA, C. G. *Viagem incompleta: a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo.
- SANTOS, M. (1985). *Espaço e método*. São Paulo: Nobel.
- SILVA, M. W. da. (1995). *Visiones urbanas en los relatos de viaje: el viaje del naturalista Henry Walter Bates a la Amazonia en el siglo XIX*. Barcelona, Espanha, 1995. 44 f. Monografia (Especialização em “Urbanismo, Ciudad, Historia”). Escuela Técnica Superior de Arquitectura del Vallès, Universidad Politécnica de Cataluña.
- SILVA, M. W. da. (1999). Visões urbanas nos livros de viagem: o naturalista Henry Walter Bates em Belém do Pará no século XIX. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 1., 1999, Rio Claro. *Eixos temáticos vol II – trabalhos completos*. Rio Claro: UNESP/IGCE – Rio Claro, 1999. p. 1-6.
- SILVA, M. W. da. (2002). *A paisagem urbana da cidade de São Paulo na visão de viajantes estrangeiros, 1808-1858*. 2002. 234 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.